



**QUALIDADE DE VIDA NO ESPORTE COMO TRABALHO
DE ATLETAS PARALÍMPICOS BRASILEIROS**

**QUALITY OF LIFE AT SPORT AS WORK OF BRAZILIAN PARALYMPIC
ATHLETES**

**CALIDAD DE VIDA EN EL DEPORTE COMO TRABAJO DE ATLETAS
PARALIMPICOS BRASILEÑOS**

Nancy Edith Pinilla Cortes¹

Cleverson Pereira de Almeida²

Resumo: Esta pesquisa trata da investigação e discussão da temática de qualidade de vida no trabalho a luz do esporte entendido aqui como atividade de trabalho para um grupo de indivíduos com uma especificidade: “a deficiência”. O estudo objetiva compreender o que é qualidade de vida no esporte como trabalho de atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo, que estão em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos. Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, com abordagem qualitativa. Foram conduzidas entrevistas com roteiro semiestruturado com 11 paratletas. Foram identificadas quatro categorias que permitiram resgatar evidências sobre como o paratleta concebe o esporte como trabalho. As conquistas e realizações alcançadas por meio do esporte trouxeram novo sentido à sua condição de incapacidade, apontando que a atividade de trabalho cumpre uma finalidade social.

Palavras-chave: Esporte como trabalho; Qualidade de vida no trabalho; Ergonomia da atividade; Esporte de alto-rendimento; Esporte paralímpico.

¹ Mestre em Administração de Empresas - Gestão Humana e Social nas Organizações, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Pós graduada em Administração Hospitalar e Sistemas de Saúde pela FGV/ SP, Pós graduada em Ciências Políticas pela Fundação de Sociologia e Política de São Paulo (FSPSP), Pós graduada em Integração de América Latina pela (USP).

² Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB). Pró-reitor de Extensão e Cultura e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas, linha Gestão Humana e Social nas Organizações, da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM. Integra, desde 2008, o grupo de trabalho "Trabalho e Saúde" da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Anpepp).

Abstract: This research is about the investigation and discussion of the theme of quality of life at work in the context of sport, understood here as a work activity for a group of individuals with a specificity: “disability”. The study aims to comprehend what is quality of life in the sport as work of Brazilian Paralympic athletes of the track and field modality, who are in preparation for the next edition of the Paralympic Games. This is an exploratory-descriptive research with a qualitative approach. Interviews were conducted with a semi-structured script to 11 parathletes. Four categories were identified that allowed to retrieve evidence from the parathlete perspective about their conception on the sport as work. The achievements and fulfillment achieved through sport brought a new meaning to their condition of disability, allowing a professional identification, pointing out that the work activity carry out a social purpose.

Keywords: Sport as work. Quality of life at work. Activity-Centered Ergonomics. High-performance sport. Paralympic sport

Resumen: Este estudio aborda la investigación y discusión del tema de la calidad de vida en el trabajo en el contexto del deporte, entendido aquí como una actividad laboral para un grupo de personas con una especificidad: la “discapacidad”. Tiene como objetivo comprender la calidad de vida en el deporte como trabajo de los atletas paralímpicos brasileños de la modalidad de atletismo, que se encuentran en preparación para la próxima edición de los Juegos Paralímpicos. Se trata de una investigación exploratorio-descriptiva con enfoque cualitativo. Entrevistas con guion semiestructurado fueron realizadas con 11 para-atletas. Se identificaron cuatro categorías que nos permitieron rescatar evidencias sobre cómo el para-atleta percibe el deporte como un trabajo. Los triunfos y logros alcanzados a través del deporte dieron un nuevo significado a su condición de incapacidad, señalando que la actividad laboral cumple una finalidad social.

Palabras-clave: Deporte como trabajo; Calidad de vida en el trabajo; Ergonomía de la actividad; Deporte de alto rendimiento; Deporte paralímpico.

1 Introdução

A temática da qualidade de vida no trabalho está fortemente presente na sociedade contemporânea, se tornando temática de debate e interesse social, assim como se encontra presente no discurso de gestores e dirigentes dentro das organizações (FERREIRA, 2012; MEDEIROS; FERREIRA, 2015; LIMONGE-FRANÇA, 2015). No Brasil, a partir dos anos 1990, o tema da qualidade de vida no trabalho tem despertado um crescente interesse de pesquisadores

e profissionais que atuam nas organizações e têm sido realizados estudos, sobretudo, no campo da Administração e da Psicologia Organizacional e do Trabalho (FERREIRA, 2011, 2012).

Dada a multiplicidade de conceitos e abordagens da qualidade de vida no trabalho encontradas na literatura, essas podem ser sintetizadas em dois tipos: um hegemônico, de natureza individualista e essencialmente assistencialista; e outro de orientação contra hegemônica, de natureza preventiva, interessada no papel do trabalhador e no sentido do trabalho (FERREIRA, 2012). Neste trabalho será adotada o segundo tipo a partir da perspectiva da ergonomia da atividade para a qualidade de vida no trabalho, cujo foco compreende a remoção das causas de mal-estar no trabalho e, por sua vez, considera variáveis das condições de trabalho, da organização do trabalho e das relações socioprofissionais, sempre na ótica de quem trabalha (MEDEIROS; FERREIRA, 2015).

Na sociedade contemporânea, o mundo do trabalho passa por mudanças profundas e contínuas (SCHWAB, 2016), impactando no desempenho dos trabalhadores, influenciando em seus níveis de saúde e qualidade de vida, em suas dimensões psíquica e social, e em seu relacionamento com o próprio trabalho (GAULEJAC, 2007; FERREIRA, 2011). É nesse contexto de contínua transformação e (re)configuração de novas profissões que se encontra a prática esportiva profissional, entendida como uma atividade de trabalho. Autores como Rubio e Sanches (2011), Rubio (2012) e Campos, Capele e Maciel (2017) argumentam que a prática esportiva pode ser considerada uma carreira profissional. Desta forma, o atleta passa a vender sua força de trabalho e a se torna um trabalhador esportivo, numa relação entre dinheiro e desempenho esportivo. O esporte se converte em meio de vida, uma atividade profissional onde o atleta passa a maior parte de seu tempo se dedicando aos treinos e competições (RUBIO, 2001, 2012). Assim, a partir do binômio esporte-trabalho, delinea-se o esporte como exercício profissional (VERMEULEN *et al.*, 2016). Neste sentido, é pertinente falar em qualidade de vida no trabalho, uma vez que a prática esportiva de alto-rendimento absorve e reproduz a sistematização das características do trabalho na sociedade capitalista (RIGAUER, 1981; DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015).

Partindo-se, então, da observação de que as mudanças no trabalho impactam o desempenho dos trabalhadores, sua qualidade de vida, seus níveis de saúde, seu convívio familiar ou social e seu contexto de trabalho e considerando-se o universo dos paratletas no binômio esporte-trabalho, define-se o objetivo geral da presente pesquisa como segue: compreender o que é qualidade de vida no esporte-trabalho de atletas paralímpicos brasileiros, da modalidade de atletismo, em preparação para a edição dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020.

Este estudo toma como referência o conceito de deficiência apresentado pela Organização Mundial da Saúde, entendido como a combinação dos conceitos de deficiência /incapacidade entre os modelos médico e social. Esse conceito enfatiza as possibilidades de inclusão e reabilitação do indivíduo e aponta que a deficiência não se restringe apenas à limitação das

funções fisiológicas ou psicológicas dos sistemas do corpo, mas destaca igualmente a importância da interação entre um indivíduo e fatores pessoais e ambiente social (AMIRALIAN *et al.*, 2000).

Podem ser delineadas algumas contribuições para a presente pesquisa. 1) Contribui-se com o aprofundamento das temáticas da atividade esportiva como trabalho e a qualidade de vida no trabalho para atletas. Conforme pesquisa bibliométrica realizada no período de janeiro a maio do 2020, são poucos os estudos sobre qualidade de vida no trabalho com o público dos atletas e paratletas, assim como estudos que delimitam o esporte como trabalho. 2) A investigação e discussão sobre esporte como trabalho e qualidade de vida nesta modalidade de trabalho para um grupo de indivíduos com a especificidade da deficiência. 3) A relevância do tema prende-se, ainda, ao fato de que o ano de realização da pesquisa (2020) seria um ano olímpico (Paraolimpíadas de Tóquio 2020). Porém, a situação de saúde pública que abalou o mundo e a decretação de situação de pandemia da *Coronavirus Disease 19* (COVID-19) pela Organização Mundial da Saúde afetou de forma drástica a preparação, treinamentos e participação dos atletas, conduzindo ao adiamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos para 2021. Contribui-se com a compreensão de como a prorrogação dos Jogos Paralímpicos afetaram a qualidade de vida no trabalho dos paratletas.

2 Referencial teórico

2.1 Conceitualização de trabalho

Adota-se a noção de atividade de trabalho como proposto pela ergonomia da atividade (a vertente franco-belga da ergonomia), escola que, desde seus primórdios, tem possibilitado a compreensão e transformação das situações de trabalho. Sua proposta se apresenta como uma abordagem baseada em uma perspectiva antropocêntrica: parte do entendimento de que as principais causas dos problemas existentes no contexto de trabalho estão na inadequação de trabalho às características humanas. Então, transformar o trabalho é a finalidade primeira das análises e da ação ergonômica (GUÉRIN *et al.*, 2001). Seu objeto de análise é a pessoa que trabalha e seu objetivo é a adaptação do trabalho ao homem, adaptação às diferentes características do homem, desde aspectos materiais até a organização do trabalho (TERSAC; MAGGI, 2004). O conceito de trabalho está centrado na compreensão do trabalho humano objetivando-se transformá-lo, buscando-se adaptar a atividade de trabalho ao homem e não o contrário, a fim de humanizá-lo e em vista da promoção de sentimentos de bem-estar – e não de mal-estar (CAZAMIAN, 1973; WISNER, 1995).

Por conseguinte, compreende-se que o trabalho designa, simultaneamente, a atividade de trabalho, as condições de trabalho e o resultado da atividade. Essas características não existem independentes umas das outras e o trabalho é a unidade dessas três realidades (GUÉRIN *et al.*, 2001). Além disso, o trabalho apresenta um duplo caráter, conforme o ângulo em que é abordado: o da pessoa que trabalha (caráter pessoal) ou da empresa (caráter socioeconômico).

A análise das situações reais do trabalho é essencial dentro desta abordagem. Por conseguinte, a atividade de trabalho pode ser definida como o espaço existente entre o que é prescrito e o que é real. A atividade de trabalho “[...] é uma estratégia de adaptação às situações reais de trabalho, e a distância entre o prescrito e o real constitui-se na manifestação concreta das contradições sempre presentes nos contextos e no ato de trabalho” (ALMEIDA; FERREIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 566). No trabalho prescrito, é a organização que coloca o que deve ser feito, a tarefa; já o real da atividade é aquilo que realmente foi realizado. É também a expressão da atividade humana: sendo assim, o trabalho põe em jogo as capacidades físicas, cognitivas, psicológicas, os reflexos sensório-motores, as competências e a experiência (GUÉRIN *et al.*, 2001).

2.2 Esporte como trabalho: aproximações e conceituações

Nas conceituações acerca do esporte, percebe-se a presença de dois elementos comuns: o lúdico do jogo e a competição (CONSTANTINO, 1990). O primeiro diz respeito ao esporte enquanto lúdico e fonte de prazer, sinônimo de divertimento: o esporte é entendido como atividade física exercida no sentido do jogo, cuja prática supõem treinamento, regras e um sistema codificado de avaliação. O segundo abarca o esporte como uma carreira profissional e passa a ser compreendido como trabalho.

A partir da perspectiva da ergonomia da atividade é que se discute o esporte no contexto do trabalho, distinguindo a tripla dimensão social apresentada por Tubino (2010), que considera o esporte como um direito ao alcance de todas as pessoas, sem distinção. Os indivíduos podem exercer esse direito por várias formas, seja pelo esporte-educação, esporte-participação ou esporte-performance, de forma a contribuir para a formação do ser humano como indivíduo e como ser social.

Autores como Rubio e Sanches (2011), Rubio (2012) e Campos, Capele e Maciel (2017) argumentam que a prática esportiva de alta performance pode ser considerada uma carreira profissional, uma vez que há fases específicas para o alcance do objetivo do alto rendimento. Desta forma, o atleta passa a vender sua força de trabalho e se torna um trabalhador esportivo, numa relação contratual ou de emprego formal (RUBIO, 2012). Rubio (2001, 2012) afirma que, com o fim do amadorismo em meados dos anos 70, o esporte veio a sofrer mutação com o estabelecimento de uma relação causal entre dinheiro e desempenho esportivo, convertendo-se em meio de vida, uma atividade profissional onde o atleta passa a maior parte de seu tempo quase que exclusivamente dedicado aos treinos e competições. Emerge, assim, concomitantemente, o atleta profissional como um espetáculo esportivo e um sistema laboral.

A partir do momento em que o esporte absorveu os elementos de racionalização e de conexão com a modernidade, ele se converteu numa complexa e significativa construção social e

cultural, fornecendo uma imagem distinta sobre aspectos sociais do nosso tempo, dependendo da dimensão que é visto, seja como jogo ou como trabalho (VERMEULEN *et al.*, 2016).

Nesse entendimento, Vermeulen *et al.* (2016) relataram a compreensão do esporte como um equilíbrio instável entre o jogo e o trabalho, expondo essa relação gerencialista e disciplinadora do esporte com seus atletas, por um lado, e o prazer e a alegria de praticá-lo, por outro lado. A dimensão do desempenho no trabalho prevalece na atividade do esporte em detrimento da importância do fluxo da atividade esportiva e no prazer que o jogo gera.

O esporte tem seus trabalhadores em seus atletas. A atividade esportiva está relacionada com a administração e gestão da excelência, da liderança e do direcionamento, no desenvolvimento de táticas e estratégias. Possuem sua própria regulamentação, procedimentos, controles e ações disciplinares (CRAIG, 2016). Por sua vez, Sugden e Tomlinson (2002) demonstraram a configuração do esporte assemelhando-se cada vez mais às empresas e criticaram o formato espelhado no taylorismo-fordismo: a forma de gestão, a medição do trabalho, o controle, a disciplina repetitiva e como estão presentes nos trabalhos de planejamentos, *coaching* e treinamento no esporte contemporâneo. O esporte, por meio dos seus atletas, se torna produto visado para o mundo comercial e para a manipulação no jogo político (DONNELLY, 1997; DONNELLY; PETHERICK, 2004).

No intuito de responder questões relativas à competição e à produção de desempenho esportivo, Demazière, Ohl e Le Noé (2015) consideraram que a competição e a produção de desempenho esportivo caminham juntas, sendo o foco de toda atividade esportiva. Para melhor abordar o tema, os autores enfocaram no trabalho da atividade esportiva e nos mecanismos de produção de desempenho: o esporte enquanto trabalho está relacionado à atividade do esporte, às suas carreiras, investimentos e remuneração. De igual forma o desempenho na prática esportiva vai sendo moldado por questões disciplinares, com o surgimento de novas normas, novos regulamentos, novas codificações.

Portanto, no trabalho esportivo, a abordagem de desempenho é espelhada no trabalho executado dentro de organizações. A performance é expressa em valor numérico, é medida, cronometrada, quantificada, seja em pontuação, distância percorrida, tempo realizado ou peso levantado. A ideia de medir e quantificar o resultado do trabalho esportivo inseriu a noção de desempenho, aumentando as semelhanças entre o esporte e o trabalho executado dentro de organizações (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015; CRAIG, 2016), ainda que exista outra forma mais subjetiva de avaliar o resultado, como o engajamento do atleta na atividade esportiva.

Rigauer (1981) detalhou aspectos análogos de comportamento entre trabalho e esporte. O autor delineou uma série de características que mostraram a afinidade de comportamentos entre ambas as esferas o que acentua os aspectos da racionalização do trabalho refletidos no esporte.

Em sua exposição, Rigauer (1981) discutiu como o esporte imita o mundo do trabalho e a sociedade industrial, seja no planejamento da atividade esportiva, no ciclo de treinamento

comparado com um processo de produção ou na adaptação para o sistema industrial. A mecanização do trabalho no esporte faz com que o atleta seja reduzido a condições mecânicas, como parte integrante de uma máquina. Da mesma forma que se comporta a peça de uma máquina, o atleta, no momento do treinamento, deve executar atividades repetitivas de força muscular, explosão, sincronia física de movimentos de passada; o corpo do atleta é a máquina e as partes do corpo correspondem às peças da engrenagem, devendo testar características de velocidade, força, potência, lubrificação nas articulações.

De igual forma, o princípio de especialização do trabalho se mostra similar no mundo da prática esportiva. Assim, pode-se distinguir a especialização no esporte como trabalho ao se observar os atletas do atletismo: diferentes modalidades entre velocistas (provas de 100m, 200m ou 400m, revezamentos 4x100m e 4x400m), saltadores (salto triplo ou salto de altura), atletas de lançamentos (especializados em disco ou dardo), além das provas especializadas de fundo, meio-fundo e maratonas.

O esporte contemporâneo apresenta atributos da tecnocracia e seu princípio de realização norteia a prática do esporte, assim como no trabalho, sempre associada a ganhos monetários, a *status* profissional, a alta competitividade e mobilidade social. Este princípio é visível quando o atleta, por seu excelente desempenho, tem maior exposição à mídia e ao mundo do *marketing*.

A proposta taylorista também se aplica ao esporte quando o atleta é submetido a estímulos físicos e mentais de forma sistematizada até alcançar a sua melhor forma. As metas traçadas são continuamente elevadas para acompanhar a incansável jornada de obtenção de melhores resultados e quebra de recordes, características importadas da sociedade industrial e de mercados onde prevalece a concorrência, sendo o vencedor um objeto do melhor valor de troca do produto da sua atividade de trabalho (SUGDEN; TOMLINSON, 2002). Nesse aspecto, fica claro o desenho da luta pelos melhores desempenhos na competição atlética e é desta forma que o esporte de alto nível revisita o princípio da concorrência (RIGAUER, 1981). Durante os períodos de treinos dos atletas de alto nível, eles são ajustados à atividade e condicionados aos treinos, visando exclusivamente o objetivo da competição próxima. É desta forma que o calendário emitido pelas confederações nacionais e internacionais, assim como os eventos mundiais das grandes ligas, provocam no atleta esse ajuste ou condicionamento de todo seu comportamento atlético, social e pessoal. De igual forma, os métodos analíticos de trabalho e treinamento são compostos por processos repetitivos e com o incremento de cargas, no estilo taylorista. Assim como na organização do trabalho industrial, o treinamento no esporte é planejado para ser realizado de forma coercitiva. Além do método de repetição e de evolução de cargas, há um método amplamente aplicado e conhecido: a realização de treinos em circuitos sem pausa ou com pausas curtas para maximizar a resistência aeróbica do atleta.

A racionalidade técnica é outro elemento presente e marca registrada nos esportes modernos (RIGAUER, 1981). As condições técnicas do esporte de alto nível são expressas no

equipamento padronizado usado nas competições, tais como os uniformes padronizados, os vestuários e os acessórios (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015). Os eventos esportivos, por sua vez, acontecem em lugares ou circunstâncias padronizadas: todas as condições de produção são atendidas e integradas à tecnologia da qual se tornam dependentes. Simultaneamente, essa mesma tecnologia fornece os instrumentos de controle e quantificação de desempenho da atividade esportiva.

2.3 A qualidade de vida no trabalho na ergonomia da atividade

A ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho é uma abordagem contra hegemônica e preventiva, se apoiando na centralidade do olhar dos trabalhadores para investigar e intervir em sua qualidade de vida no trabalho. Seu “[...] foco central está em remover ou atenuar os problemas geradores de mal-estar nos contextos de produção, atuando, para tal, nas condições, na organização e nas relações socioprofissionais de trabalho, sempre sob a ótica de quem trabalha” (MEDEIROS; FERREIRA, 2015, p. 172).

A ergonomia da atividade compreende que o conceito de qualidade de vida no trabalho se desenvolve a partir da visão organizacional, como um preceito da gestão que se expressa por um conjunto de normas, diretrizes e práticas no âmbito das condições, da organização e das relações socioprofissionais de trabalho visando bem-estar, e na ótica dos trabalhadores, por meio do contexto organizacional e das situações de trabalho, indicando o predomínio de experiências de bem-estar (FERREIRA, 2011, 2012). Assim, considera-se a intervenção em variáveis do contexto de trabalho, além do envolvimento mais amplo dos membros organizacionais. A qualidade de vida no trabalho é compreendida como uma tarefa de todos na organização, devendo haver uma busca permanente pela harmonia entre bem-estar, eficiência e eficácia nos ambientes organizacionais (FERREIRA *et al.*, 2013).

A qualidade de vida no trabalho se expressa por meio das representações mentais dos trabalhadores que revelam o contexto de trabalho no qual eles estão inseridos (FERREIRA, 2012). Para sua compreensão, consideram-se três modalidades de representações: 1) representações descritivas do contexto do trabalho: são as representações que revelam o olhar dos trabalhadores sobre os múltiplos e distintos aspectos que caracterizam o mundo do trabalho; 2) representações descritivas do custo humano do trabalho: são representações que revelam o olhar dos trabalhadores sobre os diversos impactos resultantes das exigências do trabalho e do contexto organizacional vivenciado; e 3) representações operativas das situações de trabalhar: são representações que revelam estratégias de modos operatórios, como o trabalhador lida com o mundo e que lhe permite lidar com as exigências nas situações de trabalho (FERREIRA; TORRES, 2015).

Ao se pensar em ações de qualidade de vida no trabalho partindo das representações que revelam as dinâmicas de interações dos trabalhadores com o contexto social no qual estão

inseridos, é possível ter uma visão integral do coletivo de trabalhadores e dirigentes, gestores, técnicos e operários (FERREIRA; TORRES, 2015). Enfoca-se a interação indivíduo-ambiente passando pela mediação da atividade de trabalho (FERREIRA, 2012). Por conseguinte, ao observar a atividade de trabalho, é possível compreender como o trabalhador se insere em seu ambiente de trabalho, assim como seus processos de adequação, de identificação e de significação. Já que se aborda o esporte como trabalho como um âmbito novo de pesquisa, acredita-se que a ergonomia da atividade possa lançar novos olhares para sua compreensão.

2.4 A pessoa com deficiência e esporte paralímpico

Este estudo toma como referência o conceito de deficiência apresentado pela Organização Mundial da Saúde, entendido como a combinação dos conceitos de deficiência /incapacidade entre os modelos médico e social. Esse conceito enfatiza as possibilidades de inclusão e reabilitação do indivíduo e aponta que a deficiência não se restringe apenas à limitação das funções fisiológicas ou psicológicas dos sistemas do corpo, mas destaca igualmente a importância da interação entre um indivíduo e fatores pessoais e ambiente social (AMIRALIAN *et al.*, 2000).

Os profissionais do esporte entenderam que o esporte é como um caminho oferecido às pessoas com deficiência para abrir oportunidades e, dessa forma, alcançar a inclusão social (BARROZO *et al.*, 2012).

Mello e Winckler (2012) reconhecem que a Educação Física é um cenário muito propício para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, já que envolve um ambiente de educação que considera o corpo em sua totalidade. Nesse sentido, o esporte se apresenta como uma enorme oportunidade de interação cultural e social por meio de suas infinitas possibilidades de movimentos, configurando-o como um excelente instrumento para o desenvolvimento humano (MELLO; WINCKLER, 2012). A partir da conceituação proposta, é feita uma reflexão sobre o esporte como uma via de inclusão social da pessoa com deficiência. Também são expostos os significados do esporte paraolímpico. O estudo considera atletas paralímpicos da modalidade de atletismo, protagonistas da história do esporte paralímpico, com riqueza de narrativas de vida, trajetórias de autorrealização e de superação.

3 Procedimentos metodológicos

A proposta metodológica desta pesquisa contempla um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, com pesquisa de campo de corte transversal. Segundo Creswell (2015), a pesquisa qualitativa permite que a interpretação dos dados se realize pelo desenvolvimento da descrição, e no caso do público-alvo, a partir da realidade percebida pelos paratletas do seu mundo do trabalho, caracterização desta atividade, treinamentos e as competições, significados do trabalho chegando a identificar as percepções que o atleta de alto rendimento tem

sobre a qualidade de vida no esporte como trabalho, e as situações de prazer ou desconforto que vivenciam nessa atividade de trabalho.

Realizaram-se entrevistas em profundidade e com roteiro semiestruturado com atletas paralímpicos da modalidade de atletismo entre outubro e novembro de 2020. Os participantes da pesquisa são atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo (feminino e masculino), que competem em eventos de pista e campo. Eles compõem o quadro de atletas do programa de alto-rendimento do Comitê Paralímpico Brasileiro. Esses atletas já participaram de uma Paraolimpíada, obtiveram ou estão próximos da obtenção do índice estabelecido pela Comitê Paralímpico Internacional – requisito para participarem no evento – e estão em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos. A modalidade de atletismo foi escolhida por possuir a maior quantidade de atletas, de forma a atingir o maior número possível de participantes.

A seleção dos participantes aconteceu com base em uma lista disponibilizada no site do Comitê Paralímpico Brasileiro, onde constam os 50 melhores atletas ranqueados em 2020 na modalidade do atletismo. Todos foram contatados por meio das redes sociais e apenas 11 aceitaram participar. As características dos respondentes são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Características dos participantes

Atleta	Sexo	Idade	Cor	Naturalidade	Estado civil	Como chegou ao esporte	Classe e prova	Trabalho anterior
E1	M	41 anos	Parda	Rio Branco/AC	Casado (2 filhos)	Convite institucional	T38 - velocista	Vendedor de peixes
E2	M	28 anos	Parda	Aiá/PB	Noivo	Apresentação por outro cadeirante	F57 - dardo	Trabalhador rural
E3	M	23 anos	Branca	Caicó/RN	Noivo	Jogos escolares	T47 - velocista	Trabalhador rural
E4	M	28 anos	Branca	Marabá/PA	Solteiro	Jogos escolares	T62 - velocista	Sempre foi atleta
E5	F	24 anos	Branca	Maringá/PR	Noiva	Iniciação lúdica	T11 - velocista F11 - distância	Sempre foi atleta
E6	M	29 anos	Parda	Diadema/SP	Noivo	Transição do atletismo convencional	T11 – meio-fundo e fundo	Vendedor
E7	M	41 anos	Negra	Nova Venécia/ES	Casado	Apresentação por uma professora	T11 - velocista	Encarregado de serraria de granito
E8	M	28 anos	Parda	Duque de Caxias/RJ	Casado (1 filho)	Assistindo os Jogos Parapan Rio	T35 - velocista	Sempre foi atleta
E9	F	38 anos	Parda	Rio Branco/AC	Casada	Convite de um amigo	T11 - velocista	Estagiária do CIEE
E10	F	25 anos	Negra	Rolim de Moura/RO	Solteira	Paraolimpíada escolar	T12 - 400m	Treino sem remuneração
E11	M	26 anos	Parda	Porto Velho/RO	Solteiro	Assistindo palestras sobre o esporte paralímpico na escola	T37 - velocista F37 - salto em distância	Vendedor de rua

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Antes das entrevistas, os entrevistados foram orientados sobre a condição voluntária da participação, podendo desistir antes ou depois da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado para cada respondente antes da entrevista para que fosse lido e

assinado. As entrevistas foram conduzidas por videochamada nas plataformas *WhatsApp* e *Zoom* em virtude da pandemia da COVID-19.

O roteiro de entrevista foi estruturado em quatro partes: a) perguntas de contextualização dos participantes e de suas deficiências, além de como conheceram o esporte e chegaram ao esporte de alto-rendimento; b) perguntas para tipificar o esporte como trabalho nos componente da atividade de trabalho, condições de trabalho e resultados, suas dimensões e significado do esporte como trabalho segundo a percepção do atleta; c) perguntas provenientes do Inventário de Avaliação de Qualidade de Vida no Trabalho (IA_QVT) (FERREIRA *et al.*, 2013) relacionadas aos cinco fatores estruturantes da qualidade de vida no trabalho segundo a ergonomia da atividade, além de duas perguntas relacionadas com as noções de bem-estar e mal-estar no trabalho; e d) perguntas sobre o impacto do adiamento dos Jogos Paralímpicos em virtude da pandemia da COVID-19.

A gravação das entrevistas totalizou 13 horas e 22 minutos, compondo 157 páginas em *Microsoft Word*. A mais breve durou 50 minutos e a mais longa 1 hora e 28 minutos. As entrevistas obtiveram o tempo médio de 1 hora e 12 minutos.

Adotou-se a análise de conteúdo temática como proposta por Creswell (2015) para examinar as evidências e encontrar sentido entre a diversidade de materiais. Optou-se pela utilização do *software* NovoNVivo, um reconhecido *software* para análise de dados qualitativos que permite avaliar, interpretar e explicar fenômenos sociais.

4 Apresentação e discussão dos resultados

No quadro a seguir, são apresentadas as categorias temáticas provenientes da análise de conteúdo realizada:

Quadro 2 – Apresentação das categorias temáticas

Categorias	Subcategorias
1) Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico	a) Dupla superação dos paratletas: superação da deficiência e esporte de alto-rendimento como superação de vida.
	b) O esporte adaptado como instrumento de inclusão social.
	c) A relevância do atletismo para o esporte paralímpico.
2) Esporte como trabalho: uma relação desvendada	a) Caracterização da atividade esportiva como trabalho.
	b) Componentes do esporte como trabalho: atividade, condições e resultados.
	c) Dimensões pessoal e socioeconômica do esporte como trabalho.
	d) “Eu não me vejo fazendo outra coisa fora do esporte”: o pós-carreira do atleta paralímpico.
	e) “É a minha vida”: significado do esporte como trabalho.
3) Fatores estruturantes da ergonomia da atividade para qualidade de vida no esporte como trabalho	a) Condições de trabalho e suporte organizacional.
	b) Organização do trabalho.
	c) Relações socioprofissionais de trabalho.
	d) Reconhecimento e crescimento profissional: “infelizmente a gente não tem ainda esse reconhecimento todo”

	e) Elo trabalho-vida social: a importância do esporte como trabalho para a sociedade e a família dos paratletas.
	f) Fatores de bem-estar e mal-estar.
4) Impacto da pandemia da COVID-19 e adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio	a) Sentimentos gerados pelo adiamento dos Jogos Paralímpicos.
	b) Adaptação dos treinamentos, aquisição de materiais e decisão de ficar em casa ou voltar para seus familiares

Fonte: elaborado pela autora (2021)

4.1 Primeira categoria: “Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico”.

Subcategoria (a) abarca a dupla superação na vida dos paratletas: a superação da deficiência e a chegada no esporte de alto-rendimento. A superação se iniciou a partir do momento da aquisição da deficiência, relatadas como congênitas por alguns paratletas, decorrentes de problemas no pós-parto por um atleta e em situações ao longo da vida por outros atletas. Segundo os entrevistados, as causas da aquisição da deficiência congênita no momento do parto, na maioria dos casos, estão relacionadas com o serviço precário no atendimento à saúde das mães que moravam na zona rural ou em regiões de periferia de pequenas cidades. A deficiência adquirida é outra forma da apresentação da deficiência no caso dos paratletas por causas genéticas e a deficiência adquirida causada por acidente no ambiente de trabalho. As limitações físicas lhes impuseram dificuldades de diversas naturezas. Portanto, a vida dos paratletas indica uma primeira grande superação: a da própria deficiência. Entre tais dificuldades, podem ser inclusas limitações de locação, liberdade de ação, preconceitos sofridos, a falta de inclusão social e de oportunidades de desenvolvimento de uma vida profissional.

Uma segunda grande superação ocorreu por meio do esporte. O esporte foi um caminho encontrado pelos paratletas para ganhar autonomia, estabilidade financeira e emocional, liberdade. Destaca-se a diversidade de situações em que os participantes chegaram ao paradesporto: opção de lazer e brincadeira na escola (caso do Entrevistado 4), convite do professor (casos dos Entrevistados 10, 3 e 7) e palestra escolar (caso do Entrevistado 11), retomando as teorias de Cagigal e López-Ibor (1966) e Tubino (2010), que apostam no valor formativo e educativo do esporte-prática; já Entrevistado 2 foi abordado por dois paratletas em um bar, confirmando que o sujeito, ao se relacionar com o outro e ao compartilhar seus limites e suas possibilidades, pode ressignificar suas possibilidades nos processos de integração (CAMPEÃO, 2011); o Entrevistado 6 protagonizou a transição do esporte convencional para o esporte paralímpico e conviveu com o sentimento de não-aceitação, retardando o momento para ingressar no paratletismo.

Subcategoria (b) é sobre o esporte adaptado como instrumento inclusão social. Os profissionais do esporte compreendem-no como um caminho oferecido às pessoas com deficiência para possibilitar oportunidades e, dessa forma, alcançar a inclusão social (BARROZO

et al., 2012). Mello e Winckler (2012) entendem que a disciplina educação física é importante para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, sendo um excelente instrumento para o desenvolvimento humano. Entende-se que as dimensões sociais do esporte (o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-competitivo) são promovidas tanto pela educação física inclusiva como pelo paradesporto por meio de atividades físicas desenvolvidas para pessoas com deficiência (COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011). Segundo a Entrevistada 5, o professor foi na escola para cegos em que ela estudava convidar os alunos, ela disse ter se apaixonado pelo esporte. Da atividade escolar, o aluno passou para esporte competitivo, aos dezessete anos participou do Campeonato Mundial para adultos e, ao completar 18 anos, mudou-se para São Paulo após receber convite para integrar a equipe de alto rendimento.

Subcategoria (c) trata da a relevância do atletismo para o esporte paralímpico. Os onze entrevistados sentem-se orgulhosos de pertencer a equipe paraolímpica e de terem colaborado cada um com sua melhor história de performance na conquista de pódios e medalhas para a equipe nacional. Na última Paraolimpíada Rio 2016, o Brasil ratificou sua melhoria na performance de medalhas como uma das potências do esporte paralímpico (SILVA; WINCKER, 2019).

4.2 Segunda categoria: “Esporte como trabalho: uma relação desvendada”

A segunda categoria engloba as visões dos participantes acerca da atividade esportiva como representando o trabalho deles, trazendo a referência da profissão atleta. Foram distinguidas cinco subcategorias.

Subcategoria (a) busca caracterizar a atividade esportiva como trabalho. As falas dos participantes caracterizam o esporte como trabalho – conforme o Entrevistado 4: “a minha profissão é ser atleta” –: trata-se de dedicação exclusiva, disciplina, rotina de trabalho, horários de treinamento pré-definidos, remuneração, contrato, compromisso, cobranças por resultados estipulação de metas e competitividade entre os diferentes atletas. Conforme Sugden e Tomlinson (2002), a configuração do esporte tem se assemelhado ao contexto organizacional no que se refere as práticas de trabalho. Por sua vez, a mecanização do esporte enquanto trabalho faz com que o atleta seja reduzido a condições exclusivamente mecânicas: metaforicamente, o corpo do atleta é a máquina assim como o princípio da especialização também se encontra presente na prática esportiva (RIGAUER, 1981).

Subcategoria (b) comporta os componentes do esporte como trabalho: atividade, condições e resultados. A literatura compreende que o trabalho pode designar qualquer uma destas três realidades: a atividade de trabalho, as condições de trabalho e o resultado da atividade. Pelas entrevistas a atividade do trabalho fica bem identificada como treinar e competir. Elas não existem independentemente umas das outras e o trabalho é a unidade dessas três realidades (GUÉRIN *et al.*, 2001). O Entrevistado 3 chama o esporte de missão, relaciona o esforço do trabalho e a

dedicação exclusiva com vistas a melhorar o nível na busca do pódio como o resultado da atividade. Já o Entrevistado 11 diz: “meu trabalho precisa da minha dedicação, do meu foco”.

Subcategoria (c) implica nas dimensões pessoal e socioeconômica do esporte como trabalho. De acordo com Guérin *et al.* (2001), o trabalho possui a característica de ser uma atividade humana que é realizada pelo sujeito, que usa de seu corpo, subjetividade e sociabilidade, de modo coletivo em determinada realidade social e econômico. Essas dimensões podem ser expressas nas seguintes falas:

Meu crescimento pessoal foi minha evolução e minha mudança pra São Paulo foi muito grande. Eu mudei bastante. Agora é só nos detalhes eu vou evoluindo. Eu cheguei aqui bruto, uma pedra muito grande e agora eu tô assim num cristalzinho, mas ainda falta pra um formato de diamante. (Entrevistado 11).
Eu já tive uma equipe do Comitê [Paralímpico Brasileiro], [mas] hoje eu tenho uma equipe própria. Então, eu sempre busco estar trabalhando com os melhores profissionais [...]. (Entrevistado 7).

Subcategoria (d) abarca o pós-carreira do atleta paralímpico. Identifica elementos comuns que foram comentados pelos paratletas quando questionados sobre o momento da retirada do universo competitivo e a inserção em uma nova situação profissional fora do ambiente de rotina de treinamento e competição. O Entrevistado 5 disse ter mudado o curso de direito para jornalismo para ser comentarista em competições paralímpicas e o Entrevistado 11 disse que pretende abrir uma academia. Confere-se que a maioria dos atletas busca uma proximidade com atividades e funções relacionadas ao esporte, como uma forma de manterem-se ativos e úteis para a sociedade.

Subcategoria (e) trata do significado do esporte como trabalho. Retratam-se falas expressas acerca dos significados atribuídos ao esporte como trabalho pelos paratletas, a centralidade do esporte como trabalho na vida dessas pessoas e as mudanças que o esporte como trabalho provocou na vida de cada um deles. As entrevistas denotam sentimentos de superação, extrapolação de limites e realização de sonhos pessoais, autonomia, sentimento de dever cumprido para a sociedade, de geração de um novo sentido à vida pela prática esportiva. Esta diversidade de representações acerca do trabalho é expressiva na literatura sobre os significados que o trabalho vem assumindo na sociedade contemporânea (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010).

[...] não conquistei muita coisa ainda, mas tudo que eu conquistei, foi através do meu trabalho no esporte, então, para mim o esporte é tudo, mudou minha, eu falo que o esporte mudou minha vida, não é nem 100%, é mais que isso. (Entrevistado 2).

[...] a gente não quer que os outros vejam a gente como deficiente né, como coitadinho lá. A gente quer que vejam a gente como eficiente, como um atleta convencional, normal. (Entrevistado E3).

O esporte me permitiu fazer isso: superação a cada dia, superação a cada resultado, superação a cada treino. (Entrevistado 11).

4.3 Terceira categoria: “Fatores estruturantes da qualidade de vida no esporte como trabalho”

A terceira categoria engloba as visões dos participantes acerca da qualidade de vida na atividade esportiva como trabalho. A análise foi realizada a partir dos cinco fatores constituintes da abordagem da Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho (EAA_QVT) segundo Ferreira (2012). Os fatores são as condições de trabalho, a organização do trabalho, as relações socioprofissionais, o crescimento e reconhecimento profissional, e o Elo trabalho-vida social. Cada subcategoria expressa um dos fatores da qualidade de vida no trabalho e a última integra as visões sobre bem-estar e mal-estar no trabalho.

Subcategoria (a) Condições de trabalho e suporte organizacional. Referem-se às condições materiais e instrumentais de trabalho adequadas, não precárias, que contribuam para o bom desempenho da atividade de trabalho e para o bem-estar dos que a realizam (FERREIRA, 2012). Para o Entrevistado 4, “[...] é a melhor estrutura que a gente poderia ter”; para o Entrevistado 1: “[...] “olhando a estrutura que nós temos no CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro] e a estrutura do NAR [Núcleo de Alto Rendimento], é uma estrutura que não deixa em nenhum lugar do mundo a desejar”.

Subcategoria (b) Organização do trabalho. Aparece, nas falas dos entrevistados, impregnada de um forte componente de similaridades com as características e o modus operandi da atividade de trabalho da sociedade industrial. Ao olhar o esporte pelo prisma da visão organizacional, Vermeulen *et al.* (2016) relataram a compreensão do esporte como um equilíbrio instável entre o jogo e o trabalho, expondo essa relação gerencialista e disciplinadora do esporte com seus atletas, por um lado, e o prazer e a alegria de praticá-lo, por outro lado. Os entrevistados expuseram detalhes sobre a organização do trabalho esportivo e detalharam a divisão do trabalho, a hierarquia, a missão e as metas organizacionais, o tempo de trabalho, o trabalho prescrito, as normas e padrões de conduta.

Segundo o Entrevistado 1, “na rotina do dia a dia de treino, a gente já tem uma rotina estabelecida: horário de treinar, horário de voltar para casa, horário de descanso [...]”. O Entrevistado 10 aponta que “temos bastante regrinhas. As mais importantes são os que a gente tem que andar sempre uniformizados porque é uma empresa, a gente sempre tem que estar com os patrocinadores do CPB. [...] Acho que são as regras de uma empresa normal”. Por outro lado, a performance é expressa em valor numérico. A ideia de medir e quantificar o resultado do trabalho esportivo inseriu a noção de desempenho (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015; CRAIG, 2016). Essa preocupação de melhoria de tempos e recordes é uma constante para o atleta manter-se no grupo de elite, presentes na fala do Entrevistado 8 “só que, se você quer o alto escalão, se você quer o alto rendimento, consequentemente você tem que ter trabalho, então você tem que trabalhar pra poder você ter o reconhecimento, entendeu?”.

Subcategoria (c) Relações socioprofissionais saudáveis. Para se promover a qualidade da vida no trabalho, é imprescindível que existam relações profissionais saudáveis com a chefia imediata (técnico) as chefias superiores (diretoria), com os colegas de trabalho com os cidadãos, patrocinadores e a mídia.

Hoje, a gente tem uma relação bem legal. Inclusive, eu e meu treinador, a gente tem uma relação quase de o pai e filho, ele sempre está ali puxando minha orelha, me corrigindo não só nos treinos, mas também fora dos treinos. (Entrevistado 3).

O relacionamento com o pessoal do CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro], com pessoal da coordenação me dou muito bem, com o presidente também. Nós temos uma abertura bem tranquila pra chegar e conversar legal. (Entrevistado 8).

Com os patrocinadores também [tenho bom relacionamento]. Quando eu faço o evento com eles, eles gostam bastante da minha presença. (Entrevistado 8).

Subcategoria (d) Reconhecimento e crescimento profissional. Essas duas as temáticas se complementam no sentido de que a existência do crescimento profissional implica em ter reconhecimento profissional presentes na fala o Entrevistado 10:

Eu fui um achado. Eu cheguei de Rondônia em janeiro de 2018 com uma marca bem ruim, eu praticamente não tinha marcas para competir. [...] hoje tenho um *ranking* mundial em primeiro lugar e já consegui vários feitos que pessoas treinam há muito tempo e não conseguem. Então, esse crescimento pra mim foi fundamental pra me manter aqui porque eu precisava desse *start* do zero para conseguir me manter. E, desde então, eu não baixei a minha posição, eu estou sempre entre as três [melhores] do mundo. Eu tô conseguindo todas as metas que eu desenhei, que eu planejei.

Nessa perspectiva, a compreensão da forma como se dá o crescimento no trabalho passa por evidenciar os traços de reconhecimento como ferramenta de qualidade de vida no trabalho (FERREIRA, 2012), como relatado pelo Entrevistado 3: “O que me faz bem hoje, no esporte, é o reconhecimento e, através do meu esforço, da minha história, estar conseguindo motivar outras pessoas, de incentivar outras pessoas que às vezes não acreditam no seu próprio sonho”.

Subcategoria (e) Elo trabalho-vida social: a importância do esporte como trabalho para a sociedade e a família dos paratletas. Como apontado pela Ergonomia da Atividade, o sentido do trabalho comporta as relações do trabalho como fonte de prazer e como valorização do tempo de vida no trabalho, promove saúde, sendo sinônimo de felicidade no sentido de ser sùtil, fonte de alegria, de satisfação, de realização pessoal, e de realizar ações úteis em prol da sociedade, de ser referência social. Já com relação a família é vetor de reconhecimento, de realização e sustento:

[...] eu me sinto muito orgulhoso por isso, tenho um orgulho muito grande de poder representar as pessoas, de poder representar meu país, de ter sido escolhido entre milhares. (Entrevistado 1).

[...] representando um povo sofrido, que é o povo nordestino, [...], mostrar que não importa a sua classe social, não importa de onde você vem, se você tem alguma deficiência ou não. O que importa é a força de vontade. (Entrevistado 3).

Já fui de família muito humilde e hoje eu sou orgulho da minha mãe, orgulho do meu pai. Posso dar pra eles hoje o que eles não me davam quando eu era criança. Então, isso já é o suficiente, foi algo que o esporte me deu. [...] Meu pai hoje chora quando me viu no pódio, ele chora até hoje ainda. (Entrevistado 11).

Subcategoria (f) Bem-estar e mal-estar no contexto esporte como trabalho. Resume-se, aqui, uma singularidade de sentimentos de bem-estar evocados nas falas dos entrevistados, destacados pelo grau de importância de sentimentos de prazer no trabalho, sentido de referência e inspiração, superação, inclusão social e utilidade social, sentimento de orgulho nacional pelos resultados alcançados no esporte e reconhecimento familiar. Já as situações de mal-estar ficaram evidenciadas destacando-se a questão da saúde. Todos, em geral, expressaram que esporte de alto-rendimento não é sinônimo de saúde e, ao contrário, significa dor e sofrimento porque implica levar o corpo a extrapolar limites. Outra situação evocada como geradora de mal-estar está relacionada ao fato de terem que ficar longe das suas famílias durante longos períodos. Situação parecida relataram ao falarem sobre a dedicação exclusiva para preservar o descanso do corpo e até na hora do lazer, limitando momentos de socialização com amigos.

4.4 Quarta categoria: “Impacto da pandemia da COVID-19 e adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio”

Apresenta os relatos que abordam a forma como os atletas administraram a situação do adiamento da realização dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 devido à pandemia de Covid-19, assim como as implicações sobre as estratégias de adaptação da rotina de treinamentos. As manifestações foram sequenciadas nos tópicos dos sentimentos gerados, dos treinamentos adaptados no isolamento social e dos investimentos para treinamentos, lembrando que em anos olímpicos todos os esforços do atleta se intensificam.

Foram distinguidas duas subcategorias. A primeira relaciona os sentimentos gerados pelo adiamento dos Jogos Paralímpicos. As falas dos entrevistados são um misto de aceitação, revolta, insegurança, medo, desinformação, preocupação financeira e adaptação, a espera por um novo calendário e o isolamento. Para alguns paratletas, o impacto foi negativo e, para outros, o impacto veio até a ajudar, transformando-se em um ciclo olímpico com mais tempo. A incerteza foi o sentimento expresso em consonância. Os paratletas refletiram sobre os períodos de treinamento, os desgastes nas últimas competições enfrentadas, os índices conquistados e a conquistar, a incerteza da preparação específica para a paraolimpíada, como farão a preparação durante a pandemia, a falta de calendário de competições, a situação dos principais adversários e a pandemia em seus países de origem, como serão os protocolos no Japão. Esses sentimentos podem ser distinguidos nas seguintes falas:

Foi bem difícil. Porque você já pega um ano fantástico, você acaba ganhando o mundial no ano pre-paralímpico, já tinha o índice. Você fala que vai entrar o ano treinando e chegar na Paraolimpíada embalado. De repente, você escuta o governo avisar que as paraolimpíadas foram canceladas, que o comércio tinha que fechar. Você tava num êxtase querendo chegar na competição e bombar de novo, e, do nada, e você esfria totalmente. Essa questão da ansiedade aumentada pelo fato de estar tanto tempo dentro de casa, aí você come mais e fica fora do peso. (Entrevistado 6).

Eu comecei a ter um pensamento totalmente voltado a como vai ser, um sentimento de insegurança tremendo, um sentimento de medo, de incerteza, eu não sabia se eu iria pra Tóquio, se, naquele período de pandemia, poderia me colocar entre os melhores do mundo. Então, tem um sentimento de incerteza em relação a tudo. (Entrevistado 9).

No início, foi um pouco chocante porque a gente não sabia o que fazer. A gente tava num apartamento pequeno aqui em São Paulo e a gente ficou meio perdido. [...] Então, a gente ficou muito assustado. (Entrevistado 10).

A segunda subcategoria abarca a adaptação dos treinamentos, a aquisição de materiais e a decisão de ficar em casa ou voltar para os familiares. Após a paralisação dos treinos, os atletas conduziram diferentes estratégias para continuar treinando e, assim, evitar uma situação de destreino total. Aconteceu a adaptação às rotinas de treinos em confinamento domiciliar, levando os atletas a decidirem entre ficar nas grandes cidades em que treinam ou voltar para suas famílias em suas cidades de origem. O treinamento no próprio domicílio dos atletas trouxe dificuldades.

Os contratemplos das formulações das adaptações por parte dos treinadores, e os treinamentos se restringirem a pontos não essenciais para cobrir a preparação para as competições e a implementação no novo espaço. Apresentou-se também a falta de motivação para treinar continuamente em casa assim como sofrimento de lesões. A adaptação dos treinos exigiria a compra de materiais: ainda que essa compra seja percebida como investimento, é uma despesa que o atleta não previa originalmente e que retirou de sua própria remuneração. Essas mudanças estão contidas nas falas a seguir:

[...] o professor [treinador] fez uma planilha diferenciada, me colocou pra fazer algumas atividades dentro de casa; ele passou o treinamento pra mim e eu ia desempenhando, pois temos uma sequência de trabalho. (Entrevistado 7). Nesta pandemia, eu mesmo tive que comprar material para ficar treinando em casa, comprei banco de supino, comprei barra, trouxe outros materiais. [...] a gente não podia ficar esse tempo todo em casa parado, então tinha que ver uma forma de treinar. (E2).

[...] Eu procurava treinar todos os dias. Tinha dia que não tinha jeito, tinha que a preguiça batia e não treinava. (Entrevistado 1).

Não foi fácil manter a qualidade de trabalho nessa pandemia. Eu tentei ir para Maresias na casa de um amigo para treinar. O meu guia passou comigo no terreno irregular, torci o pé, rompi dois ligamentos, acabei ficando um mês sem treinar. Eu poderia ter ficado em casa sem fazer nada estando machucado. Como eu estava lesionado e minha irmã tinha uma bike de academia, então fiquei pedalandando o tempo todo até a recuperação atingir 100%. Tinha cama elástica, fiz fortalecimento. (Entrevistado 6).

O estudo permitiu dar oportunidade para os paratletas relatarem esses momentos, que evidenciam implicações para a qualidade de vida no trabalho.

5 Conclusão

A presente pesquisa definiu como objetivo compreender o que é qualidade de vida no esporte como trabalho de atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo, que estão em preparação para a edição dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020

As análises das entrevistas acerca do esporte como trabalho dos paratletas revelaram uma jornada de dupla superação, que passa primeiro pela superação das dificuldades relativas às limitações da deficiência que lhes impuseram dificuldades de diversas naturezas: limitações de locação, liberdade de ação, preconceitos sofridos, a falta de inclusão social e de oportunidades de desenvolvimento de uma vida profissional e que por meio das oportunidades oferecidas pelo esporte e depois pela chegada ao esporte paralímpico, reconhecido como possuindo um papel transformador e uma oportunidade de aquisição de uma nova identidade. As conquistas de medalhas e pódios internacionais são reconhecidas como o ápice desta jornada de superação dos limites e a exigência de resultados comuns nas organizações.

Esse trabalho também identificou a caracterização da atividade de trabalho desse grupo, a “profissão atleta”: o rendimento, a competitividade e o estabelecimento de metas são elementos pertencentes ao trabalho próprio da sociedade industrial; o gerencialismo e o disciplinamento constituem valores próprios de uma organização; a mecanização do esporte com atividades repetitivas compõe o cotidiano do esporte de alto-rendimento; o planejamento e os ciclos de treinamento são compreendidos como partes de um processo de produção; há uma estreita vinculação entre performance e remuneração. Ademais, foram resgatadas expressões que caracterizam os significados atribuídos ao esporte como trabalho pelos paratletas: a centralidade do esporte como trabalho em suas vidas, que contribuiu para redesenhá-las e reescrever uma história de sucesso misturada com dor e sacrifício; sentimentos de liberdade e de autonomia, pois, por meio da atividade esportiva, os paratletas decidiram encarar suas vidas com normalidade, desenvolvendo-as de forma ativa e superando as limitações da deficiência; as conquistas e realizações alcançadas por meio do esporte deram um novo sentido à incapacidade, permitindo uma identificação profissional.

Foram identificados os eixos constitutivos da Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no esporte como trabalho. No eixo da condição de trabalho, percebeu-se que o ajustamento das condições de trabalho nos Centros de Treinamentos foi apontado como um fator que está estreitamente relacionado com a vivência de qualidade de vida no trabalho e que influencia no desempenho dos esportistas. No eixo da organização do trabalho, foram caracterizados elementos da gestão como a divisão do trabalho, a hierarquia, o trabalho prescrito (jornadas de treinos, pausas e descansos, tarefas e prazos), desempenho e performance,

remuneração, medição, mecanização. No eixo das relações socioprofissionais de trabalho, as vivências de qualidade de vida no trabalho passam pela experiência de relações profissionais saudáveis, assim como pela comunicação clara e objetiva, ainda que com desencontros entre grupos. No eixo do reconhecimento e crescimento profissional, apontou-se para sentimentos de satisfação e, simultaneamente, situações de descontentamento. No eixo do elo trabalho-vida social, apontou-se para o trabalho como fonte de prazer, a valorização do tempo dispendido na atividade e o sentimento de utilidade social.

Com o adiamento dos Jogos Paralímpicos em virtude da a pandemia da COVID-19, este estudo buscou compreender as consequências desta mudança para a vida pessoal e profissional dos paratletas. Foram explicitados uma diversidade de sentimentos e avaliações por parte dos paratletas: para alguns paratletas, o impacto foi negativo e, para outros, o impacto veio como uma contribuição positiva, transformando-se em um ciclo olímpico com mais tempo. Os paratletas refletiram sobre os períodos de treinamento, os desgastes nas últimas competições enfrentadas, os índices conquistados e a conquistar, a incerteza da preparação específica para a paraolimpíada. Identificou-se o aparecimento de lesões e problemas de saúde mental e ansiedade pela ausência das atividades competitivas, assim como pela indefinição do calendário competitivo. Por fim, evocou-se a adaptação dos treinamentos pelos treinadores para serem executados no isolamento social e a readequação dos espaços de treino, o que implicou no retorno ao local de moradia das famílias, em despesas com aquisição de material de apoio e aparelhos de treino.

Apontam-se para três contribuições para a presente pesquisa. 1) O roteiro semiestruturado desenvolvido se baseou nas perguntas qualitativas presentes no Inventário Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho. Esse questionário, em sua parte qualitativa, é composto por apenas quatro perguntas qualitativas amplas. Na presente pesquisa, foram adicionadas questões referentes aos cinco eixos estruturantes de ergonomia da atividade para a qualidade de vida no trabalho, o que colaborou no processo de identificação de categorias e possibilitou uma exploração mais aprofundada do fenômeno a partir do olhar dos participantes da pesquisa. 2) A realização de uma pesquisa qualitativa utilizando-se a abordagem da ergonomia da atividade para promoção da qualidade de vida no trabalho é considerada outra contribuição metodológica, uma vez que a grande maioria dos estudos adotam uma abordagem quantitativa.

3) O estudo contribui para um avanço teórico acerca do esporte como trabalho: foram caracterizadas as dimensões do esporte como atividade de trabalho a partir da ergonomia da atividade (a atividade de trabalho, as condições de trabalho e o resultado da atividade) e identificados os fatores da ergonomia da atividade para promoção da qualidade de vida e de situações de bem-estar neste contexto de trabalho.

Quanto às limitações deste estudo, destaca-se: a impossibilidade do acesso à Diretoria Executiva e à Academia Paralímpica Brasileira do Comitê Paralímpico Brasileiro para a realização desta pesquisa não permitiu a inclusão da visão institucional e as considerações sobre

a gestão do trabalho. Além disso, a literatura acerca da gestão social e esporte como trabalho ainda se mostra escassa, sendo que predominantemente foram encontrados estudos referentes ao treinamento esportivo, à fisiologia do exercício, ao marketing esportivo, à psicologia do esporte, à legislação, às normativas, a gestão esportiva pela lente de gestão do resultado e o *compliance*. Temas sociais estão sendo objeto de novos estudos pelo grupo de Estudos Olímpicos da USP.

Referências

ALMEIDA, C. P.; FERREIRA, C.; GUIMARÃES, M. C. Ergonomia da atividade: uma alternativa teórico-metodológica no campo da psicologia aplicada aos contextos de trabalho. *In*: BORGES, L. O; MOURÃO, L. (org.). **O trabalho e as organizações**: atuações a partir da psicologia. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 558-578.

AMIRALIAN, M. L. T.; PINTO, E. B.; GHIRARDI, M. I. G.; LICHTIG, I.; MASINI, E. F. S.; PASQUALIN, L. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

BARROZO, A. F., HARA, A. C. P., VIANNA, D. C., OLIVEIRA, J.; KHOURY, L. P., SILVA, P. L.; SAETA, B. R. P.; MAZZOTTA, M. J. S. Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios de Desenvolvimento**, v. 12, n. 2, p. 16-28, 2012.

CAGIGAL, J. M.; LÓPEZ-IBOR, J. J. **Deporte, pedagogia y humanismo**. Madrid: Ramos Artes Gráficas, 1966.

CAMPEÃO, M. D. S. **O esporte paraolímpico como instrumento para moralidade das práticas de saúde pública envolvendo pessoas com deficiência**: uma abordagem a partir da bioética da proteção. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências/Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

CAMPOS, R. C.; CAPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira esportiva: o esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31-41, 2017.

CAZAMIAN, P. **Leçon d'ergonomie industrielle**: une approche globale. Paris: Cujas, 1973.
CONSTANTINO, J. M. Reflexões em torno do valor cultural e ético do espetáculo desportivo. **Revista Horizonte**, v. 35, p. 167-172, 1990.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

CRAIG, P. G. **Sport sociology**. 3rd. ed. Thousand Oaks: Sage, 2016.

CRESWELL, J. W. **Educational research**: planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research. 5. ed. Boston: Pearson, 2015.

DEMAZIÈRE, D.; OHL, F.; LE NOÉ, O. La performance sportive comme travail. **Sociologie du Travail**, v. 57, n. 4, p. 407-421, 2015.

DONNELLY, P. Child labour, sport labour: applying child labour laws to sport. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 32, n. 4, p. 389-406, 1997.

DONNELLY, P.; PETHERICK, L. Workers' playtime? Child labour at the extremes of the sporting spectrum. **Sport in Society**, v. 7, n. 3, p. 301-321, 2004.

FERREIRA, M. C. A ergonomia da atividade pode promover a qualidade de vida no trabalho? Reflexões de natureza metodológica. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 11, n. 1, p. 8-20, 2011.

FERREIRA, M. C. **Qualidade de vida no trabalho**: uma abordagem centrada no olhar dos trabalhadores. 2. ed. Brasília: Paralelo 15, 2012.

FERREIRA, M. C.; ANTLOGA, C.; PASCHOAL, T.; FERREIRA, R. R. **Qualidade de vida no trabalho**: questões fundamentais e perspectivas de análise e intervenção. Brasília: Paralelo 15, 2013.

FERREIRA, M. C.; TORRES, C. C. Qualidade de vida no trabalho (QVT): uma alternativa em ergonomia da atividade para mudança sustentável nas organizações. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho**: estudos e metodologias brasileiras. Curitiba: CRV, 2015. p. 159-169.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J; KERGUELEN, A. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. Abordagem biopsicossocial e organizacional BPSO-96 para QVT. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho**: estudos e metodologias brasileiras. Curitiba: CRV, 2015. p. 19-20.

MEDEIROS, L. F.; FERREIRA, R. R. Qualidade de vida no trabalho: contribuições para a promoção do bem-estar no trabalho. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho**: estudos e metodologias brasileiras. Curitiba: CRV, 2015. p. 171-181.

MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

RIGAUER, B. **Sport and work**. New York: Columbia University Press, 1981.

ROSSO, B. D.; DEKAS, K. H.; WRZESNIEWSKI, A. On the meaning of work: a theoretical integration and review. **Research in Organizational Behavior**, v. 30, p. 91-127, 2010.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. Reflexões teóricas e práticas sobre a transição entre a iniciação esportiva e a profissionalização – um enfoque psicoprofilático. *In*: RUBIO, K. (org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 68-82.

RUBIO, K.; SANCHES, M, S. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825-842, 2011.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SILVA, C. S.; WINCKER, C. **O desporto paralímpico brasileiro, a educação física e profissão**. São Paulo: Conselho Regional de Educação Física da 4ª Região (CREF4/SP), 2019.

SUGDEN, J., TOMLINSON, A. **Power games: a critical sociology of sport**, Routledge, London, 2002.

TERSAC, G.; MAGGI, B. O trabalho e a abordagem ergonômica. *In*: DANIELLOU, F. (org.). **A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. p. 79-104.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

VERMEULEN, J.; KOSTER, M.; LOOS, E.; VAN SLOBBE, M. Play and work: an introduction to sport and organization. **Culture and Organization**, v. 22, n. 3, p. 199-202, 2016.

WISNER, A. **Réflexions sur l'ergonomie (1962-1965)**. Toulouse: Octarés, 1995.

Artigo recebido em: 20/10/2021

Artigo aceito para publicação em: 16/12/2021